

AS FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NAS ILHAS TERCEIRA E SÃO MIGUEL NOS AÇORES

Profa. Ms. Elis Regina Barbosa Angelo¹

Resumo

O presente artigo focaliza as marcas e traços da cultura que atravessaram gerações nas Ilhas Açorianas Terceira e São Miguel numa tentativa de verificar as Festa do Divino Espírito Santo enquanto elo com o Brasil no que concernem as continuidades festivas da Vila Carrão em São Paulo. As representações da cultura imaterial, por meio dos sabores da gastronomia e das festas religiosas são formas de garantir à comunidade o elo com o passado e rememorar antigos traços da cultura açoriana, além de manter certa união entre os membros como identificação das partes por meio do grupo imigrante e seus descendentes. No caso das festas percebe-se uma forma de identificação pela tradição, pelo singular e particular, demonstrando um sinal de pertencimento; muitas vezes visto como “diferente”, ou como “grupo”, outras como “invisível”, buscando o pertencer ao local. Parece existir um sentimento e uma tentativa de agrupar os membros das comunidades por meio do “sagrado” que inclui as missas, terços e a própria festa na qual a coroação é o ato mais importante da celebração, numa dicotomia entre sagrado e profano que perpassa os momentos distintos das festividades, que serão avaliadas enquanto possibilidades para o Turismo Cultural.

Palavras-Chave

Festa do Divino Espírito Santo; Açores; Turismo Cultural.

¹Apoio da pesquisa: DIREÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES - GOVERNO DOS AÇORES; Graduada em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1997), Mestre em Turismo Ambiental e Cultural Planejamento e Gestão pelo Centro Universitário Ibero Americano (2003), Mestre em HISTÓRIA pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005), Doutoranda em História pela PUCSP (Agência financiadora: CAPES); avaliadora do SINAES/INEP; docente na área de Turismo.

AS FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NAS ILHAS TERCEIRA E SÃO MIGUEL NOS AÇORES

Profa. Ms. Elis Regina Barbosa Angelo

Abstract

The present paper focus on the culture marks and traces that go through generation in the Azoreans Islands Terceira and São Miguel, in an attempt to verify the Holy Ghost Celebrations while the bond connection with Brazil in terms of continuities of these parties in Vila Carrão, São Paulo. The immaterial representation of culture by means of its cuisine flavors and religions celebrations are a form to guarantee the community a connection with the past and rememorate the old traces of Azorean culture, besides keeping certain union between the members like identification of the parts by the immigrant group and their descendents. In the festivities an identification form of tradition is noticed, by the unique and particularly characteristics from this culture, demonstrating a belonging sense, many times seen as different or as a group other times as invisible, pursuing the local belonging. It's seems there is a feeling and an attempt to join the community members by the holy that includes the mass, chaplet and the own festivity in which the coronation is the most important act of the celebration, in a dichotomy between the sacred and the profane that cross over in distinct moments of the festivities, witch will be analyzed regards the possibilities of Cultural Tourism.

Key-Words

Holy Ghost Celebration, Azoreans, Cultural Tourism.

Ilhas Terceira e São Miguel - Açores: As festividades religiosas

As festas do Espírito Santo enchem as Ilhas nas suas mais variadas Freguesias de fé e alegria da Páscoa ao Pentecostes e à Santíssima Trindade, sete ou oito semanas de rituais cristãos adaptados à vida cotidiana dos açorianos na lavoura, nos pastos, na cidade e no comércio. A criação, execução e ornamentação das festas nos Açores possuem variadas formas, de acordo com cada Freguesia e em cada Ilha especificamente. As tradições mantêm o escopo principal e as intenções das festividades, no entanto, as questões socioeconômicas estão evidenciadas em cada localidade e em cada festa.

Além da construção festiva anual, entre os preparativos de homens e mulheres nas suas mais variadas funções de execução de tarefas, percebem-se diferenciações também nos espaços construídos com a finalidade de diferenciar o território religioso da festa, ou seja, o que denominam de “*Impérios*”², construções encontradas em cada Freguesia. Só na Ilha Terceira, existem mais de cinquenta espalhados pelos recantos, construídos em épocas distintas e com configuração típica. Ao deparar-se com um “*Império*”, fica fácil reconhecê-lo.

² “Os Impérios são construções de um só compartimento, de planta aproximadamente quadrangular, elevadas sobre fundações que as colocam num plano superior ao das outras construções do aglomerado, abrindo-se na fachada através de porta e janela que as ladeiam, por vezes com peitoris de ferro fundido e frontal triangular encimado por um dos símbolos do Espírito Santo – a pomba ou a coroa-pintado, assim como as barras, estas de cores fortes. Têm acesso por escada exterior, nalguns casos de madeira e removível, e o tecto é de duas águas. O interior é ocupado por uma ou mais mesas, alguns bancos ou cadeiras, nichos e altar na parede do fundo.” (DUARTE, 2002:3)



Imagem 1 : Império da Rua do Conde: Foto Tirada em maio de 2008 – Acervo pessoal.



Imagem 2 : Império da Vila Nova: Foto Tirada em maio de 2008 – Acervo pessoal.

Durante as festividades, cada Freguesia organiza a festa à sua maneira. De modo geral, os açorianos fazem primeiro a missa e depois vão até o Império em procissão, carregando os instrumentos e objetos fixos, ou seja, a coroa, o mastro, a bandeira, entre outros, que, depois de alocadas no Império, iniciam-se as doações e oferendas que farão parte do dia de Pentecostes.

Nos Açores, diferente da festa em São Paulo, que acontece na Vila Carrão, as festas se dividem em ciclos, conhecidos como Ciclo do Espírito Santo e Ciclo do Touro, que são considerados os dois grandes grupos e os demais que são o Ciclo do Homem e de Deus. Sobre os significados, o Espírito Santo remete-se ao espírito; o touro aos bens materiais e, o Homem a Deus.

Dos ciclos³ e seus significados, há menções sobre a procura de lugares sagrados na constante construção e reconstrução enquanto manifestações populares, os sentidos e direcionamentos dizem respeito em especial ao tempo do Homem e o tempo de Deus que em resumo, significa agradecimento pelo alimento, pagamento de promessas e riqueza material e espiritual.

³ O início dos ciclos do Espírito Santo e o do Touro ocorrem no mês de maio por conta da estação primavera, quando as flores, verduras e legumes fecundam a terra e finalizam com o final do ano litúrgico católico. O ciclo do Espírito tem suas razões fundamentadas na idéia de tempo de promessas, tempo de reflexões e de caridade, ocorre em todas as ilhas dos Açores e mantém certa diversidade de ilha para ilha, assim como, de Freguesia para Freguesia. O ciclo do Touro possui peculiaridades rituais, no qual há o sacrifício do touro que representa a riqueza nos Açores e é considerado animal sagrado. Para eles esse ritual simboliza a sua história desde a Reconquista da Península até as Cavalhadas, São João, São Marcos, que vai até as “Touradas”. O ciclo do Homem e de Deus inicia-se no mês de novembro, que é tido como mês de todos os santos e remete-se ao culto aos mortos, quando há também a distribuição de comida aos pobres, geralmente se distribuem pão e cozido. O ciclo de Deus refere-se ao tempo de louvor a Deus, quando há apenas agradecimento por todas as conquistas do ano, geralmente se fazem procissões e romarias e na Ilha de São Miguel ocorre a procissão do Senhor Cristo dos Milagres, uma das festas mais conhecidas dos Açores. Nestas festividades muitos açorianos que emigraram para os Estados Unidos, Canadá, Brasil e outros muitos países acabam voltando para participarem dessas homenagens. (MARTINS, 1992).

“Assim, os ciclos das festas acontecem para cumprir os seus motivos em honra de santos, datas ou acontecimentos de alto significado social, das razões principais geradoras da consciência do indivíduo como Homem. A criação artística dos momentos das festas é dinâmica e toma o aspecto especial de cada uma das nossas ilhas ou países aonde os Açorianos imigraram, assim, as fortes características vindas nas tradições mantêm-se no tempo e espaço em que a memória analítica e colectiva vai além da sua própria região.” (MARTINS, 1992:1)

A simbologia das festas, dos instrumentos, insígnias e objetos usados durante o período das festividades ao Divino manifestam formas de integrar as comunidades, pois, funcionam como meios de conhecimento e informação.

Dos símbolos do Divino Espírito Santo os principais encontrados na Bíblia são: o vento (ar); a fonte (água), a pomba; o fogo e o azeite. Esses símbolos estão presentes em todas as festas, pois indicam os caminhos pelo Espírito por meio das passagens bíblicas. Além desses símbolos também existem as insígnias, visualizadas durante todo período e rituais da festa. Entre elas estão a coroa, que simboliza a magnitude e a grandeza; o cetro que simboliza a autoridade por meio da soberania; as varas que possuem o significado de condução do “rebanho”(nas procissões e desfiles são doze, representando os doze apóstolos); as bandeiras do Espírito Santo que expressam os dons do espírito.

Diferentemente dos Açores, na comunidade da Vila Carrão, as festas do Divino Espírito Santo acabaram sendo reinventada de forma distinta da maneira com que ocorre nos Açores, a manifestação dos agradecimentos acontece na missa de Pentecostes enquanto manifestação de agradecimento a terra e a Deus. Os movimentos que simbolizam a procissão, os rituais da festa e as propostas são distintos do que ainda se observa nos Açores.

Os “bodos”⁴ que ocorrem nos Açores, representam a festa em si, chamam lá de bodo do leite, bodo da carne e do vinho, bodo do pão. A organização convida os carros do “bodo” (antigos

carros de bois), ornamentados em armação de vime - é o local onde os proprietários e residentes convivem com os visitantes, local de socialização, as mulheres arrumam os bodos com rendas e colocam comidas e bebidas para servirem aos amigos, conhecidos e parentes.



Imagem 3: Bodos de Vila Nova- Ilha Terceira – maio de 2008 – arquivo pessoal

A missa com a coroação final não é muito diferente do que se vê no Brasil, na verdade parece ser mais tradicional do que ocorre aqui. Na Vila Carrão as encenações de devoção com as representações da água, do fogo, do ar e do azeite durante a cerimônia do dia de pentecostes, é algo não observado nos Açores.

Nas Ilhas Terceira e São Miguel, apesar das diferenças a missa e a coroação seguem alguns padrões, o cortejo da procissão sai geralmente da igreja e vai até o império levando as insígnias para ficarem até o próximo ano guardado para os próximos mordomos que organizam as festividades. Após o cortejo iniciam-se a distribuição de pão, vinho ou leite e comidas típicas de cada localidade. Algumas vezes os próprios moradores do local montam as

⁴ O **bodo** é a distribuição de comida aos pobres em dia de festa, geralmente nas festas do Divino Espírito Santo. Segundo a tradição, o costume de celebrar o bodo foi introduzido em Portugal no séc. XIII pela [Rainha Santa Isabel](#). No sétimo domingo após a Páscoa (dia de [Pentecostes](#)) realiza-se o bodo. Nesse dia, o cortejo depois de sair da igreja dirige-se ao império, sendo as coroas e bandeiras aí colocadas em exposição. Frente ao império, em longos bancos corridos são colocadas as *esmolos*, que depois de abençoadas são distribuídas. Os irmãos recebem-nas e todas as pessoas que passam podem livremente servir-se de pão e vinho. No entretanto são arrematadas as oferendas, normalmente gado, alfenim e massa sovada. O bodo é organizado e gerido pelo mordomo e por quem ele designe. Terminado o bodo as coroas recolhem em cortejo a casa do mordomo.

mesas de comidas levando cada qual seu prato de doce ou salgado para servirem uns aos outros e a todos os visitantes e turistas que quiserem participar.

Segundo MAGINA MEDINA (2007:10) “a comissão do império é formada pelo presidente, o secretário, o tesoureiro e três vogais, responsáveis por dois anos pela manutenção do império, pela despensa, coreto, seis coroas, duas bandeiras e trinta insígnias do império.” No domingo de Pentecostes faz-se o sorteio dos “peloiros” e a comissão presta contas.

O Imperador é quem efetua a coroação nos Açores, bem como a função e prepara as suas festividades com as despesas por sua conta. Angaria fundo e recebe ajuda e apoio de toda a comunidade, seja com as doações ou a criação de animais para ofertar durante a semana de festa. Geralmente presenteia os visitantes com massa sovada também por sua conta.

A Filarmônica está a caminho, dando-se início à preparação do cortejo que parte para a igreja. As bandeiras abrem o cortejo, seguindo-se as ofertas que irão ser entregues no Império, depois as coroas, e por fim a Filarmônica. Os convidados e familiares formam duas alas. O cortejo segue até a igreja. Depois do sacerdote celebrar a eucaristia, é chegado o momento da coroação. Em frente ao altar, são colocadas em fila, todas as coroas que fazem parte desta cerimônia. Por detrás, ficam os respectivos acompanhantes. Recebendo o Sacerdote a coroa, retira o ceptro, beijando-o e entregando-o a quem vai ser coroado. Levanta a coroa sobre a cabeça deste, e com o sinal da cruz, impõem-na de seguida. Esta cerimônia é repetida por todos os que vão coroar. Nos domingos de Pentecostes e da Trindade, finalizada esta cerimônia, o cortejo parte até a despensa, para se proceder à bênção do pão e do vinho, que são distribuídos no bodo. É efectuada uma pequena cerimônia. O aroma do incenso ainda está no ar e o cortejo desloca-se até o Império, onde são entregues as coroas, bandeiras e insígnias. Aqui ficam no altar, até o final do bodo que se realiza no largo circundante. Posteriormente, novo cortejo se organiza até o local onde é servida a função. (MAGINA MEDINA, 2007:55).



Imagem 4: Bodo da Vila Nova- Ilha Terceira: maio de 2008 – acervo pessoal

Depois que o bodo termina, o Imperador começa o cortejo de coroação. Sai do império e parte para a função. São organizadas várias mesas extremamente longas e servida a função (iguarias próprias do Espírito Santo). Nela se incluem: “pão de tranca”, coberto por folhas de repolho, temperadas com hortelã, o cozido que é feito com carne de vaca, lingüiça, carne de galinha, sangue, toucinho, repolho, cenoura, batata da terra, batata doce e outros temperos.

Os açorianos também preparam a famosa “alcatra”, com molho e massa sovada, acompanhada de pão de água e pão de milho, acompanhada de vinho de cheiro. No final da função é servido arroz doce. Esses pratos nunca mudam, fazem parte das tradições festivas do Divino a seqüência dos atos como um ritual gastronômico.



Imagem 6: Função de Raminhos- Ilha Terceira: maio de 2008 – acervo pessoal

Para finalizar o domingo de Pentecostes, com a função acabada um novo cortejo se organiza para o “arraial” (ocasião da festa na qual as pessoas visitam o Império e, ao som da filarmônica, se divertem). No final do cortejo são guardadas as coroas, bandeiras e insígnias, e recomeça a festa que vai até anoitecer. As arrematações ocorrem durante esse período e consistem em efetuar solicitações em dinheiro em troca dos gêneros alimentícios entregues à Igreja ou ao império.

Após o término do arraial ocorre o sorteio dos peloiros, candidatos a imperadores para o próximo ano. São sorteados oito nomes que irão cumprir as tarefas no ano seguinte. Caso haja mais que oito nomes da lista por ordem de chegada colocam-se num pires um bilhete em branco e os oito nomes, aquele que pegar o papel em branco no sorteio fica fora da disputa, ocorre então, depois da escolha do Imperador o cortejo até sua residência, onde um novo ciclo se inicia. “É ao som da Filarmônica que a recepção final se efectua junto à residência do novo Imperador. Sobre o negro da noite, que, entretanto já caíram, as coroas são colocadas no novo altar, as visitas sucedem-se, e dá-se início a um novo ciclo”. (MAGINA MEDINA, 2007:79)

A cerimônia de encerramento do ciclo ocorre na segunda-feira, sob um cortejo que sai da despensa e se junta ao cortejo que sai da casa do novo mordomo. Após a união dos cortejos sob pétalas de rosas é entregue ao novo mordomo a vara do Espírito Santo, simbolizando um novo caminho. Quando acaba a cerimônia o mordomo coloca a vara no altar decorado concluindo esse ciclo e iniciando o novo ano.

Esse ritual ocorre praticamente da mesma forma em todas as freguesias das Ilhas Terceira e São Miguel. Em São Paulo a festa tem outra formatação, seguindo as idéias centrais do ritual, mas com algumas modificações.

Turismo Cultural e as Festividades: Um casamento perfeito?

Várias localidades turísticas oferecem um produto turístico calcado nos elementos provenientes dos recursos naturais e culturais para a promoção de uma efetiva comercialização destes, transformados em atrativos turísticos.

O produto turístico é o resultado da soma de recursos naturais e culturais e serviços produzidos por uma pluralidade de empresas, algumas das quais operam a transformação da matéria-prima em produto acabado, enquanto outras oferecem seus bens e serviços⁵.

A atividade turística tem sido difundida sob diversos segmentos e perspectivas que, a cada momento acaba por refazer seus posicionamentos. O turismo cultural vem sendo debatido sob diversas vertentes que acabam mobilizando novos olhares de profissionais também de diversas áreas.

Antes de se pensar em turismo cultural, deve-se em primeiro lugar valorizar o passado, pois, na cultura estão envolvidas as perspectivas do passado, da memória e da história dos

⁵ Beni, Mário Carlos. *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo: Senac, 1998.p.29.

povos. Assim, pode-se dizer que, a simbologia do passado se resume nos valores dados aos objetos materiais e às sensações imateriais, tendo ao mesmo tempo uma visibilidade tangível e intangível dos bens e demais sensibilidades.

...nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes.⁶

A idéia de formular questionamentos acerca das relações entre identidade cultural e o desenvolvimento turístico pode ser trabalhada sob o aspecto da "continuidade do passado". Para elucidar tais relações, podem-se definir quais são os elementos de maior relevância na composição da identidade cultural.

É importante apontar os conceitos de identidade e cultura separadamente. Alguns autores utilizam as definições de maneira separada para contextualizar elementos da cultura material e imaterial.

A cultura é melhor vista não como complexos de padrões concretos de comportamento - costumes, usos, tradições, feixes de hábitos- , como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle - planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam de "programas") - para governar o comportamento⁷.

O que se percebe sobre o conceito de cultura é a alteração nos padrões concretos de comportamento do homem, nos quais a dinâmica cultural abriu caminhos para mecanismos de controle para direcionar, reger e controlar, de certa maneira, o homem em seu meio social. Segundo HALL (2000: 37-38): “O homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento.”

⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. R.J: DP&A, 2000. pp.37-38.

⁷ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p.56.

Conforme aponta LARAIA (1986: 25) “Tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

As Freguesias mantêm por anos “a fio” a aglomeração dos conhecimentos adquiridos e passou para seus sucessores os mesmos padrões comportamentais. Após anos e anos, essas tradicionais festas religiosas continuam sendo intensas e guardam praticamente as mesmas configurações de outros momentos históricos.

As festas, tidas como manifestações da cultura açoriana fazem parte de seu legado e de suas identidades, assim, o turismo cultural se apropriando de sua história e dos seus valores simbólicos no espaço e no tempo, como elementos de referência representam, para a sociedade atual, uma verdadeira possibilidade de conhecimento e alteridade.

Considerando que o turismo cultural⁸ ainda recebe muita crítica e resistência por parte dos autores, será utilizada neste momento a nomenclatura para a identificação da identidade cultural no sentido da apropriação deste elemento por este tipo de turismo.

A importância dos objetos materiais para a cultura é indiscutível, porém, cabe ressaltar que tais objetos encerram além do trabalho manual, o simbolismo de preservar por gerações a arte do “saber- fazer”.

A relevância se fundamenta em considerações de crença em que o homem com sua propensão para criar símbolos, transformam inconscientemente os objetos em símbolos, dotando-os, de grande importância psicológica.

⁸ Segundo apontamentos “O turismo cultural pode ser entendido como a vinda de pessoas de fora da comunidade receptora motivadas completamente ou em parte por interesses na oferta histórica, artística, científica ou no estilo de vida, tradições da comunidade, religião, grupo ou instituição.” Dessa definição percebe-se que todo o conjunto de bens tangíveis ou intangíveis pode compor o que se chama de turismo cultural. Ver PIRES, Mário Jorge. *Lazer e Turismo Cultural*. São Paulo: Manole, 2001.p.67.

Identidade cultural pode ser considerada como o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de um corpo de conhecimentos, seus elementos individualizadores e identificadores, enfim, o conjunto de traços psicológicos, o modo de ser, de sentir e de agir de um grupo, que se reflete nas ações e na cultura material.⁹

O desenvolvimento turístico de uma localidade que possui símbolos refletidos na sua cultura material ou imaterial parece delimitar o fator de motivação da demanda por meios tais recursos. Dos recursos mais relevantes percebe-se uma identificação com tradições, crenças e valores de cada raça, etnia, ou qualquer fator de diferenciação, que corresponda à idéia de alteridade.

O que parece chamar a atenção dos turistas é o que o difere do outro. Pelas diferenças buscam-se as diversas identidades alocadas em crenças e valores, diferenciados por meio da cultura material e imaterial.

A maior parte dos estudos sobre o turismo cultural acaba esbarrando nas questões sobre os impactos culturais da atividade e, ao que tudo indica, à banalização destes aspectos. O posicionamento a respeito da “banalização” de uma cultura e a sua respectiva preservação depende do processo político e econômico a que está ligada.

Reconhece-se que a recuperação da memória coletiva, mesmo que seja para reproduzir a cultura local para os turistas, leva, numa etapa posterior, inexoravelmente à recuperação da cor local e, num ciclo de realimentação, a uma procura por recuperar cada vez mais esse passado.¹⁰

Nesta perspectiva, o que se observa é o interesse dos turistas no que tange aos atrativos apropriados pelos elementos da cultura açoriana. A manutenção e conservação destes elementos são cruciais para o turismo e para a própria comunidade em manter suas peculiaridades e singularidades.

⁹ PIRES, Mário Jorge. *Lazer e Turismo Cultural*. São Paulo: Manole, 2001.p.102.

¹⁰ Id. *Ibid.* p.47.

A manutenção das identidades é fator importante para atrair a atenção dos turistas não predadores, visto que estes buscam na diversidade e na especificidade cultural os elementos para o seu lazer. Conhecer um pouco dos aspectos culturais dos habitantes das Ilhas pode ser considerado atualmente, um dos principais motivos de visitação turística.

Na Ilha Terceira, encontram-se entre os principais atrativos turísticos naturais e culturais conhecidos:

“...o [Complexo desmantelado da Serra do Cume](#), na zona Leste, e com vista sobre Praia da Vitória e as Lajes. A zona Oeste da ilha está coberta por [criptomérias](#). Na costa norte, pode-se observar a ponta dos "mistérios", e a zona balnear dos [Biscoitos](#), com os seus vestígios de erupções vulcânicas. No interior é de assinalar a gruta do [Algar do Carvão](#) e as fumarolas das [Furnas do Enxofre](#). A [Caldeira Guilherme Moniz](#) que forma uma das maiores caldeiras da ilha. A [Lagoa das Patas ou da Falca](#), que junto com Os viveiros formam um conjunto harmonioso. A [Chã das Lagoinhas](#), situadas na reserva geológica do [Algar do Carvão](#). Existe ainda o [Farol da Serreta](#), e a [Serra do Morião ou da Nasce Água](#), com os seus 632 metros de altitude na parte mais alta, encontra-se voltada à cidade de [Angra do Heroísmo](#), constitui por si própria uma singularidade. O [Pico da Bagacina](#). Elevando-se do mar, A [Mata da Serreta](#), constitui uma grande reserva florestal que alberga variadíssimas espécies de [fauna](#) e [flora](#). A [Lagoa do Ginjal](#), que apesar da sua reduzida dimensões tem plantas únicas e protegidas por lei. A [Lagoa do Negro](#), que se situa por cima da [Gruta do Natal](#). O [Miradouro do Facho](#), no concelho da [Praia da Vitória](#) oferece uma panorâmica sobre a cidade da Praia da Vitória. O [Monte Brasil](#), às portas da cidade aloja o [Forte de São Sebastião](#). O [Jardim Duque da Terceira](#), quase um jardim botânico, Possui muitas plantas exóticas trazidas desde o início das aventuras marítimas. Os [Ilhéus das Cabras](#), que oferecem um local de nidificação as diversas espécies marinhas que andam na costa. A economia da Terceira assenta sobretudo na agro-pecuária e nas indústrias associadas de transformação de laticínios. Possui dois portos nas suas duas cidades, [Angra do Heroísmo](#) e [Praia da Vitória](#), onde se situa o aeroporto internacional e a [Base Aérea](#) das [Lajes](#). A cidade de Angra do Heroísmo é a mais antiga cidade açoreana (1534) e ao mesmo tempo sede da [diocese de Angra](#), estabelecida em [21 de Agosto](#) de [1534](#). É Património da Humanidade (UNESCO) desde 1983.”¹¹

Observou-se que, na Ilha Terceira, faz-se necessário a implantação e planejamento do turismo cultural, pois, até o momento há a ausência de articulação entre as atividades turísticas e os organizadores, como hotéis, restaurantes, atrativos, transporte entre as ilhas, entre muitos outros pontos fundamentais para o uso das potencialidades da ilha. No entanto,

¹¹ As informações turísticas sobre a Ilha Terceira e outras ilhas do arquipélago dos Açores em: *Terceira*. Pesquisa realizada em 28/03/2009. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Terceira>> .

gostaria de mencionar a riqueza dos aspectos naturais e culturais da ilha, além do incentivo do governo para ampliar as condições de oferta.

Dessa reflexão fica a tentativa de contribuição para o conhecimento e reconhecimento das identidades como determinantes do turismo cultural e sua preservação como aspectos de representação da cultura açoriana, assim, foi planejada a formulação de um roteiro turístico com o intuito de demonstrar a cultura material e imaterial arraigada na festa, artesanato e na gastronomia, integrando a comunidade participativa e demais órgãos e instituições públicas e privadas que possuam algum tipo de vínculo ou interesse na área de turismo, para a melhoria e valorização tanto das festas, quanto da gastronomia e artesanato locais como tradições culturais e meio de divulgação nacional e internacional da localidade.

Na formulação desse roteiro, encontram-se dispostas diretrizes capazes de abarcar todas as especificidades dos produtos, como:

Identificação dos potenciais pontos turísticos; sensibilização das comunidades com cursos de formação para o turismo; documentação histórica; inventário do patrimônio histórico; organização dos empreendedores; treinamento e qualificação dos empreendedores, apoiadores e colaboradores; planejamento de atividades dinamizadoras; identificação visual dos equipamentos e acessos; elaboração do material de divulgação do roteiro; articulação junto às operadoras do *trade* e órgãos públicos; lançamento ao público.¹²

Desse roteiro, em primeiro lugar há a necessidade de “Identificação dos potenciais pontos turísticos;” a fim de levantar além dos pontos de visitação outros possíveis elementos capazes de formatar um ponto de visitação específico como por exemplo a criação de um roteiro gastron mico dentro das especificidades de cada Freguesia. Em seguida, a sensibilização das comunidades com cursos de formação para o turismo é um dos aspectos fundamentais para incluir a comunidade no desenvolvimento das atividades voltadas ao

¹² BRAMBATTI, L. E. (Org.) *Roteiros de Turismo e Patrim nio Histórico*. Porto Alegre: EST Edições, 2002.p.34.

turismo, seja direta ou indiretamente. A documentação histórica e inventário do patrimônio histórico, devem ser rigorosamente levantadas e organizadas a fim de catalogar acervos específicos e ordenar os direcionamentos para visitação monitorada.

A organização dos empreendedores, treinamento e qualificação dos empreendedores, apoiadores e colaboradores; planejamento de atividades dinamizadoras; identificação visual dos equipamentos e acessos; elaboração do material de divulgação do roteiro; articulação junto às operadoras do *trade* e órgãos públicos e lançamento ao público depende dos itens anteriormente pontuados.

No mês de julho é considerado alta temporada turística, momento em que todos se posicionam para as vendas, no restante do ano existe uma ociosidade das empresas do *trade*, que, parecem não direcionarem esforços para ampliar a oferta turística.

Para os visitantes interessados em conhecer as ilhas em épocas distintas do ano e visitarem as festividades em louvor ao Divino Espírito Santo não há infra-estrutura no que diz respeito aos transportes, restaurantes, pontos turísticos, organização de grupos para as festas, inserção nas festividades da comunidade, entre outros.

Apesar de ser turística, a Ilha Terceira ampliaria muito seus horizontes internacionais se criasse roteiros específicos para turistas em segmentos mais direcionados, como o turismo religioso, gastronômico e cultural. A necessidade de divulgação também é extremamente importante nesse caso, pois, no Brasil são poucos os agentes de viagens e turismo que conhecem ou fomulam roteiros para as Ilhas.

A ausência de demanda muitas vezes ocorre por falta de condições de oferta e principalmente por ausência de organização pelas operadoras da própria Ilha. A única ilha que possui diferenciadas possibilidades para o turismo é a Ilha de São Miguel, pois, possui uma

infra-estrutura adequada ao turismo organizado e para os demais; possui pacotes de várias agências que fornecem aos hóspedes dos hotéis, guias locais que falam diversos idiomas e organizam passeios por todos os recantos da ilha.

Ainda assim, São Miguel não possui um turismo religioso organizado e da mesma forma que a Ilha Terceira ampliaria sua oferta com a segmentação de roteiros. Sobre esse tipo de turismo, pode-se mencionar que:

O Turismo Religioso não é, necessariamente, um turismo feito por religiosos, místicos, santos populares, devotos e sacerdotes/profissionais de qualquer credo ou confissão religiosa. O adjetivo “religioso” deve ser reconhecido em sua amplitude espiritual e metafísica, embora esteja perigosamente comprometida com a perspectiva cristã – responsável pela sistematização desse significante, no universo do Império Romano e da Igreja Católica. Portanto, a correta definição para esse tipo de turismo encontra-se num exercício aproximativo. Trata-se de um fazer turístico capaz de manifestar algum dado de religiosidade. E é exatamente na religiosidade – no ato popular de professar o sistema de crenças chamado de Religião – que o Turismo Religioso pode ser comparado às peregrinações e romarias aos lugares sagrados, em momentos também sagrados.¹³

O turismo religioso seria um foco diferencial para que turistas e visitantes conhecessem de forma aprofundada as tradições religiosas dos moradores das ilhas e também a simbologia das festas, além da compra de “souvenirs” durante a temporada turística. Muitos turistas compram coroas, pratos com a forma de coroas, símbolos das festas de modo geral, na maioria das vezes desconhecendo o real significado das mesmas.

No evento promovido na Ilha, intitulado “Semana da Diocese - Inventariação para potencializar o turismo religioso”, O Bispo D. António de Sousa Braga, de Angra do Heroísmo na Ilha Terceira, defende a idéia de incrementar o turismo religioso por meio de parcerias públicas, e salienta “*É preciso estabelecer parcerias com o Governo para que seja possível a*

¹³ OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. TURISMO RELIGIOSO: Uma breve apresentação. In: <http://www.jornaloince.com.br/2008/fev/agora/turismoreligioso_jornaloince_edicao14.pdf>. Pesquisa realizada em 28/03/2009. p.1.

*inventariação e para que se abram portas ao turismo religioso. O Governo e a Igreja têm que dar as mãos e encontrar os melhores caminhos e soluções”.*¹⁴

Percebe-se que já faz parte das intenções da ilha potencializar o turismo religioso, pois, como existem diversas festividades de cunho religioso e a ilha é turística, fica a proposta de implantar esse segmento.

Ao considerar essa roteirização como meio de difundir o turismo cultural religioso nas Ilhas Terceira e São Miguel, encontra-se a possibilidade de implantar um turismo sustentável, capaz de minimizar os futuros impactos e ser organizado mediante um planejamento de longo prazo, constituindo maior fonte de renda para a população e ampliando as fronteiras entre os Açores e o resto do mundo.

Referências Bibliográficas

- BENI, Mário Carlos. *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo: SENAC, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BRAMBATTI, L. E. (Org.) *Roteiros de Turismo e Patrimônio Histórico*. Porto Alegre: EST Edições, 2002.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-Tempo na Metrópole: A Fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.
- DUARTE, Mário. RAACH, Karl-Heinz. *Os Impérios da Ilha Terceira*. Angra do heroísmo, Açores, Portugal: Blu Edições, 2002.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

¹⁴ Diário Do Campus De Angra Do Heroísmo Da Universidade Dos Açores – Semana Da Diocese - Inventariação para potenciar o turismo religioso. In: <<http://desertosedesertificacao.blogspot.com/2008/11/semana-da-diocese-inventario-para.html>> Pesquisa realizada em 28/03/2009. p.1.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. *Cartografias dos Estudos Culturais: Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero e Nestór Garcia Canclini*. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. USP, 1999.

FERNANDES, Aurélia Armas. FERNANDES, Manuel. *Espírito Santo em Festa*. Coimbra, Portugal: G.C – Gráfica Coimbra, 2006.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. R.J: DP&A, 2000.

KUHNEM, Ariane. *Lagoa da Conceição: Meio ambiente e modos de vida em transformação*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um Conceito Antropológico*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1996.

MAGINA MEDINA, João Manuel. *O Ciclo do Espírito Santo*. Angra do Heroísmo, Terceira, Açores, Portugal: Nova Gráfica Ltda., 2007.

MARCONI, Marina de Andrade. PRESOTTO, Zélia Maria Neves. *Antropologia: uma Introdução*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. *A festa nos Açores*. Serafim Silva – Artes Gráficas/Maia, 1992.

PIRES, Mário Jorge. *Lazer e Turismo Cultural*. São Paulo: Manole, 2001.

PRIORE, Mary Del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.